

Protagonismo Feminino no Encontro Cultural de Milho Verde em 2024

Sabrina Fernandes Cabral¹
Virginia Martins Fonseca²

Submissão em: 11 mar. 2025
Aceite em: 16 abr. 2025

Resumo: Em Minas Gerais, no Milho Verde – distrito do Serro, no Vale do Jequitinhonha – está localizada a sede da Área de Proteção Ambiental Estadual das Águas Vertentes (APAEAV), unidade de conservação de uso sustentável, criada em 1998, com aproximadamente 80.000 hectares. Já o Encontro Cultural de Milho Verde, idealizado em 2000 com o objetivo de expandir os horizontes culturais e proporcionar maior autonomia para os moradores da região, ocorre anualmente na segunda quinzena de julho. Esta publicação pretende visibilizar um capítulo, em especial, do relatório final do projeto de iniciação científica denominado “Territórios Possíveis, Utopias Reais: Por uma efetiva parceria entre mulheres que protagonizam a economia solidária em áreas protegidas no Alto do Jequitinhonha”. Se trata de um relato de experiências referente às reflexões apreendidas pela bolsista, como uma das coordenadoras na 24ª edição do Encontro Cultural em Milho Verde, realizado entre os dias 21 e 28 de julho de 2024. Dentre os resultados obtidos, destacamos a importância de apoiar e fortalecer as iniciativas lideradas por mulheres em áreas protegidas, promovendo a justiça social e ambiental.

Palavras-chave: área de proteção ambiental, turismo comunitário, relato de experiência.

Protagonismo Femenino en el Encuentro Cultural en Milho Verde de 2024

Resumen: En Minas Gerais, en Milho Verde – distrito de Serro, en el Vale de Jequitinhonha – está ubicada la sede del Área Provincial de Protección Ambiental de Águas Vertentes (APAEAV), un área protegida de uso sustentable, creada en 1998, con aproximadamente 80.000 hectáreas. El Encuentro Cultural en Milho Verde, creado en 2000 con el objetivo de ampliar horizontes culturales y proporcionar mayor autonomía a los habitantes de la zona, se realiza anualmente en la segunda semana de julio. Esta publicación tiene como objetivo resaltar un capítulo, en particular, del informe final del proyecto de iniciación científica denominado “Territorios Posibles, Utopías Reales: Por una colaboración efectiva entre mujeres que protagonizan la economía solidaria en áreas protegidas del Alto do Jequitinhonha”. Este es un relato de experiencia referente a las reflexiones aprendidas por la becaria, como una de las coordinadoras de la 24ª edición del Encuentro Cultural en Milho Verde, realizado entre el 21 y el 28 de julio de 2024. Entre los resultados obtenidos, destacamos la importancia de apoyar y fortalecer iniciativas lideradas por mujeres en áreas protegidas, promoviendo la justicia social y ambiental.

Palabras clave: área de protección ambiental, turismo comunitario, relato de experiencia.

Introdução

Esta pesquisa foi realizada no Vale do Jequitinhonha, especificamente em Milho Verde, distrito de Serro (MG), por possuir uma economia local bastante diversificada por sua oferta turística. Em Milho Verde está localizada a sede da Área de Proteção Ambiental Estadual das

¹ Discente do Curso de Turismo da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Endereço eletrônico: sabrina.cabral@ufvjm.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-3558-3066> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0868636048980101>

² Professora Adjunta do Curso de Turismo da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Endereço eletrônico: virginia.martins@ufvjm.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1629-8812> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0844500125867329>

Águas Vertentes (APAEAV). Áreas de Proteção Ambiental, ou as APA, são categorias de área de proteção pertencente ao grupo de unidades de conservação (UC) de uso sustentável. São áreas extensas e com algum grau de ocupação que têm como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais (Brasil, 2000).

Esta publicação pretende visibilizar um capítulo, em especial, do relatório final do projeto de iniciação científica denominado “Territórios Possíveis, Utopias Reais: Por uma efetiva parceria entre mulheres que protagonizam a economia solidária em áreas protegidas no Alto do Jequitinhonha”(Martins Fonseca; Cabral, 2024), que contou com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com o objetivo de entender o protagonismo das mulheres na gestão e conservação das áreas protegidas, considerando sua atuação na economia solidária e no turismo local. Neste capítulo em especial, que trata do relato de experiência da bolsista, dentre os resultados obtidos, destacamos a importância de apoiar e fortalecer as iniciativas lideradas por mulheres em áreas protegidas, promovendo a justiça social e ambiental.

Proposta metodológica: o relato de experiência como recorte

A pesquisa denominada “Territórios Possíveis, Utopias Reais: Por uma efetiva parceria entre mulheres que protagonizam a economia solidária em áreas protegidas no Alto do Jequitinhonha” foi classificada como aplicada, qualitativa, exploratória e descritiva, e para atingir os objetivos, foi realizada pesquisa bibliográfica, documental, trabalhos de campo e entrevistas com seis mulheres, diante de anuência do CEP/UFVJM³. Como resultados, houve a elaboração do marco teórico, que tratou de diversos aspectos que permeiam as temáticas das Áreas Protegidas, Turismo Comunitário e Ecofeminismo” (Martins Fonseca; Cabral, 2024). Nas entrevistas, observamos que as mulheres de Milho Verde são protagonistas na proteção da natureza e na economia solidária, pois elas se organizam coletivamente para realizar atividades produtivas, ainda que enfrentem desafios econômicos significativos. Essas mulheres demonstram resiliência e sensibilidade, contribuindo para a conservação ambiental de áreas protegidas e no desenvolvimento comunitário. Constatamos que a participação das mulheres em iniciativas ecofeministas e de economia solidária fortalece a comunidade e promove um desenvolvimento mais justo e inclusivo, principalmente considerando a valorização dos saberes

³ Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

locais e a promoção de práticas sustentáveis, essenciais para o futuro de Milho Verde e da APAEAV.

Este artigo pretende visibilizar as reflexões apreendidas pela bolsista, como uma das coordenadoras na 24ª edição do Encontro Cultural em Milho Verde, realizado entre os dias 21 e 28 de julho de 2024, por meio de duas seções, uma relacionada ao território e outra relacionada ao evento.

Para Martins Fonseca e Scalco (2023), o relato de experiência como metodologia vem sendo adotado em diversos trabalhos acadêmicos, já que faz parte do cotidiano dos indivíduos, contextualizando observações acerca das experiências particulares que provocaram a reflexão de determinados aspectos de interação dialógica entre a teoria e a prática. Tal qual, Daltro e Faria (2019) também compreendem que tal metodologia se configura como uma efetiva ferramenta para a produção de conhecimento, já que dá prioridade às interfaces entre a complexidade humana e o contexto da pós-modernidade. Segundo os autores:

O relato de experiência não tem como pretensão trazer a última palavra sobre determinado assunto, o mesmo traz uma condensação provisória, passível de análise e onde podem ser identificados novos saberes. Caracterizando-se como uma narrativa que aglomera a experiência, o tempo e o lugar de fala do observador, apresentando-se de modo integrado com um referencial teórico, que irá validar esta experiência, tal como um acontecimento científico.

Neste contexto, se faz mister publicizar como esta ferramenta metodológica, o relato de experiências, pode contribuir para a difusão de conhecimentos e partilha de resultados efetivos no campo do Turismo e das Ciências Sociais Aplicadas. A intenção deste trabalho científico é estimular que estudos como TCC, monografias, dissertações, teses, dentre outros, podem e devem se apropriar do relato de experiência como uma das estratégias para contribuir e somar aos resultados obtidos outras óticas d@ pesquisador@, considerando suas potencialidades e seus desafios.

Sobre os conceitos que permearam esta o relatório de iniciação científica

As áreas protegidas, o fenômeno do turismo, a economia solidária e o ecofeminismo serviram de inspiração para a articulação conceitual-prática da proposta.

É notório que a criação de áreas protegidas (AP) é de fundamental importância para a preservação dos ecossistemas, proporcionando pesquisa científica, educação e interpretação ambiental, bem como práticas de lazer e turismo, em constante busca e equilíbrio com a necessidade de conservação da natureza. Da mesma forma, a análise do fenômeno do turismo, considerando as experiências vocacionadas para o turismo comunitário, familiar e de

experiências, não pode ignorar as potências da produção associada ao turismo tão diversas quanto as especificidades biossocioculturais dos territórios, enquanto perspectivas local, regional e global, uma vez que tal produção está intimamente relacionada à economia solidária, pois se trata de:

uma economia real, grande, em processo de expansão e constante aperfeiçoamento. Muito variada e heterogênea, ela é rica em experiências diversas, mas, seus protagonistas, nem sempre se reconhecem como pertencentes de uma economia solidária com uma identidade compartilhada. Ainda que todas essas experiências tenham uma série de características em comum que as tornam inconfundíveis. (...) Assim, identificamos a economia solidária como uma arena em que convergem organizações e atividades econômicas muito variadas, e que têm em comum promover uma economia com especial racionalidade, diante da presença ativa e central do trabalho humano e da solidariedade social⁴. (Migliaro, 2010, p.34)

Mas cremos que a maior contribuição teórica da pesquisa científica esteja centrada nas compilações apreendidas por Tavares (2014). A autora é cirúrgica em apontar que no Ecofeminismo existem várias ideias e práticas considerando três correntes, essencialmente: Cultural /Espiritual, Social/Construtivista e Crítica.

A primeira, Cultural/Espiritual, considera a espiritualidade das mulheres próxima da espiritualidade presente na Terra. Tavares (2014) cita Ruether (1992), por sua obra integrar a vertente espiritual ecologista com a teologia e o feminismo, uma vez que o ecofeminismo deve quebrar com o dualismo entre a inteligência humana e a natureza, procurando a harmonização entre as nossas necessidades e a manutenção dos ecossistemas. As concepções racistas, sexistas, classistas e antropocêntricas de superioridade dos brancos, sobre os negros, dos homens sobre as mulheres, dos empresários sobre os trabalhadores, dos humanos sobre os animais e plantas devem ser eliminadas na criação de um novo modelo social em que as mulheres podem ter um papel fundamental, uma vez que conceitos básicos como Deus, alma/corpo e salvação devem ser (re)conceitualizados de modo a ficarem mais ligados a valores éticos de amor, justiça e cuidados com o planeta.

Já a corrente do Ecofeminismo Social/Construtivista, segundo Tavares (2014), se trata de uma corrente desenvolvida a partir da década de 1990 e, ainda que considere que não há uma essência feminina que liga as mulheres à natureza, foram as estruturas sociais e econômicas que determinaram a divisão sexual do trabalho e aproximaram as mulheres da natureza,

⁴ Tradução nossa: *es una economía real, grande, en proceso de expansión y perfeccionamiento. Ella es muy variada y heterogénea, rica de experiencias diversas, pero no siempre se reconocen sus participantes como constituyentes de una economía solidaria con identidad compartida. Es así, aunque todas esas experiencias tienen en común una serie de rasgos que la hacen inconfundible. (...) vamos a identificar la economía solidaria como un gran espacio donde converge un conjunto de organizaciones y actividades económicas muy variadas, pero que tienen en común el hacer economía con racionalidad especial, caracterizada por la presencia activa y central del trabajo humano y la solidaridad social, como factores organizadores de la actividad económica.*

desenvolvendo nelas relações afetivas que foram reprimidas nos homens. As teóricas desta corrente, segundo Tavares (2014) são Plumwood (1993), Mies e Shiva (1993). Para estas ecofeministas o problema é mais profundo, pois, não basta criticar um crescimento rápido sem desenvolvimento social, ou a falta de legislação eficaz no controle dos processos resultantes da produção por meio da utilização de tecnologias nocivas à saúde humana e ambiental, porque a questão central é o nível estrutural das sociedades, a forma como estão organizadas diante da necessidade de subjugação das mulheres e da natureza para atender aos interesses do capitalismo, patriarcado e destruição do planeta.

Por fim, Tavares (2014) menciona que a corrente do Ecofeminismo Crítico, que tem como maior expoente Puleo (2011), está o entendimento que ser ecofeminista não implica afirmar que as mulheres estão mais ligadas à natureza do que os homens, já que o ecofeminismo deve ser crítico, orientado pelos pressupostos da ecojustiça e da sustentabilidade uma vez que considera princípios como: defesa de igualdade e autonomia; perspectiva construtivista sobre masculino e feminino; diálogo intercultural; aceitação prudente da ciência e da técnica; responsabilização universal do cuidado a os seres humanos e não-humanos.

Considerando tais apontamentos, acreditamos que a corrente Cultural/Espiritual se apresenta com mais aderência as análises que se seguem.

Sobre o território APAEAV e Milho Verde

A elaboração desta seção contou com informações integralmente retiradas do Resumo Executivo e demais encartes do plano de manejo da área protegida em questão, publicado em junho de 2018 (Minas Gerais, IEF, 2018).

Ainda segundo o Resumo Executivo (Minas Gerais, IEF, 2018), a criação da APAEAV partiu de uma iniciativa popular, levantada pelos municípios de Serro, Serra Azul de Minas e Santo Antônio do Itambé, que juntos procuraram instituições e lideranças do governo estadual para verificar a viabilidade de criação de uma UC nessa região. Vários fatores levaram a essa preocupação e interesse, como o impacto da atividade minerária irregular, utilização indiscriminada de recursos naturais e, principalmente, a manutenção dos mananciais hídricos essenciais para toda a região. Desta forma, foi definido que esta APA englobaria de forma direta nascentes de importantes rios da região, como é o caso do Rio Jequitinhonha e de seus afluentes.

A sede da APAEAV está localizada em Milho Verde, e o acesso para o distrito é feito pela estrada que liga o Serro à Diamantina. Do Serro até Milho Verde a estrada é asfaltada e de

Felício dos Santos, Rio Vermelho, Santo Antônio do Itambé, Serra Azul de Minas e Serro, além de englobar outras unidades de conservação.

Segundo o Plano de Manejo da APAEAV (Minas Gerais, IEF, 2018), histórias de antigos moradores, remontam que Milho Verde, teria sido descoberta pelos Bandeirantes, por meio de expedição realizada pelo Rio Jequitinhonha desde o litoral. Na região próxima ao Milho Verde havia diversas senzalas, sendo que uma delas registra o nascimento da escravizada Chica da Silva. Não é ao acaso que haja territórios quilombolas na região, reconhecidos ou em processo de reconhecimento. Ademais, Milho Verde abrigou um quartel no local conhecido como Rancho Fundo, onde eram guardados ouro e diamante, inclusive onde teria sido guardado o primeiro grande diamante retirado na região da cidade de Diamantina.

Outro aspecto histórico em Milho Verde se refere à Capelinha do Rosário, como é conhecida a igreja localizada no Largo do Rosário. A igreja que hoje existe no local é uma réplica de uma outra igreja, que possuía dimensões maiores. Segundo os moradores antigos da região, por estar frágil, a igreja antiga foi posta no chão. O material da igreja original ficou no local por cerca de 20 anos, até que um dos moradores da região se reuniu com a comunidade e organizou a reconstrução da capela, nos moldes da igreja que existia no local.

Segundo o Censo de 2022 (Brasil, IBGE, 2022), o distrito de Milho Verde possui cerca de 939 domicílios com aproximadamente 1.920 habitantes, um aumento significativo visto que dados de 2010 (IBGE citado por Minas Gerais, IEF, 2018) mencionavam que eram 350 casas com uma população residente aproximada de 616 habitantes. Há de se considerar a população flutuante de veraneio, que ainda sem dados estatísticos, impacta diretamente no uso de serviços públicos como saneamento básico, segurança e saúde. No Plano de Manejo da UC (Minas Gerais, IEF, 2018), quanto à situação fundiária das casas no Milho Verde, muitas propriedades são originárias de posses, porém mantendo situações bem diversificadas. Em alguns casos não há nenhuma comprovação documental, apenas o uso consolidado de modo a caracterizar processos de usucapião. Em outros, alguns moradores possuem os recibos de compra e venda, às vezes com propriedades registradas em cartório e/ou inscritas na prefeitura do Serro. Milho Verde encontra-se em estágio de urbanização, com uma rápida ocupação nos últimos anos, após asfaltamento da estrada até o Serro, em 2010.

Tal qual a apresentação da APAEAV, todas as informações de Milho Verde foram consultadas exclusivamente no Encarte IV, do Plano de Manejo da UC. Assim, segundo o documento (Minas Gerais, IEF, 2018), historicamente, o modo de vida e a fonte de sobrevivência dos moradores de Milho Verde esteve associado diretamente ao garimpo, à

agricultura de subsistência e ao extrativismo de flores. A partir do desenvolvimento do turismo na localidade este perfil foi se alterando, até que passasse a representar a principal atividade socioeconômica da localidade, gerando empregos formais e informais, especialmente nas épocas de maior visitação: finais de ano, carnaval e semana santa.

A intensificação do turismo fez com que muitas pessoas comprassem terrenos na região para construção de casas de veraneio ou mesmo fixar residência, aquecendo a geração de empregos na construção civil, envolvendo moradores de Milho Verde e também de outras localidades próximas, como das comunidades quilombolas Ausente e Capivari.

Algumas pensões, pousadas e restaurantes oferecem a tradicional comida mineira, bem como quitandas, doces, produção de hortaliças, de queijo, de fubá e de cachaça, atividades estas aquecidas pelo crescimento do turismo e que contribuem com o modelo de turismo de base comunitária. Mas, ainda segundo o Plano de Manejo, em relação à juventude, estes saem de Milho Verde para trabalhar nos centros urbanos, apesar do desenvolvimento turismo do povoado. Existe localmente a ideia de que não há oportunidades para todos no turismo, bem como possibilidade de geração de renda regular ao longo de todo o ano.

Já a Associação Cultural Comunitária de Milho Verde possui cerca de 32 anos de existência, com o registro 001 no município do Serro. Na percepção de moradores, apesar da importância e da capacidade organizativa da Associação, a localidade ainda é vista como isolada da política municipal, o que faz com que o distrito receba pouca atenção da prefeitura municipal do Serro.

Segundo o Plano de Manejo, a percepção dos moradores de Milho Verde, em relação à existência da APAEAV, está diretamente associada à criação do Monumento Natural (MONA) Estadual da Várzea do Lajeado e Serra do Raio. Embora alguns membros da comunidade sejam capazes de identificar de forma distinta cada um dos territórios protegidos, as normas previstas para a gestão de cada uma destas duas UC e suas questões são interpretadas de forma integrada, já que o IEF, órgão ambiental gestor, é a referência de interlocução.

Por fim, atualmente, grande parte dos moradores de Milho Verde reconhecem a importância da criação das UC, em função dos objetivos de proteção da natureza, mas não se pode ignorar os conflitos gerados em função das restrições de uso da AP e que muitas pessoas da comunidade expressem resistência em relação à gestão da UC.

Sobre a experiência *per si* do Encontro Cultural de Milho Verde: da organização à avaliação exitosa

O Encontro Cultural de Milho Verde foi idealizado em 2000 com o objetivo de expandir os horizontes culturais e proporcionar maior autonomia para os moradores da região. O evento acontece desde a data de sua idealização até os dias atuais, sendo realizado uma vez ao ano, sempre na segunda quinzena de julho, culminando com as férias escolares de inverno, ocorrendo independentemente de verbas ou patrocínios. Boa parte da comunidade local se une com muita dedicação para garantir a realização do Encontro, que se tornou um marco na vida cultural de Milho Verde, reunindo uma rica programação de atrações musicais, apresentações artísticas e diversas oficinas, proporcionando uma experiência cultural única, tanto para os turistas que acompanham o Encontro, como para a própria comunidade.

A programação do Encontro Cultural de 2024 contou com mais de 70 oficinas, 15 apresentações artísticas, mais de 30 shows, além de cinema, exposições, esportes e um Ponto Verde que trouxe para o evento o ativismo ambiental, a educação climática, o consumo consciente e a destinação de resíduos sólidos produzidos durante o evento.

Portanto, o encontro deste ano destacou-se não apenas pela qualidade das atrações, mas também pelo seu compromisso com a sustentabilidade e a educação ambiental, desde a coleta seletiva até as oficinas que promoviam experiências lúdicas sobre a transformação do lixo. Cada atividade foi pensada para incentivar o respeito ao meio ambiente e à comunidade, como a estrutura montada denominada “Ponto Verde”, conduzida por três colombianas ativistas ambientais, oferecendo dinâmicas para quem passasse por perto, além de diversas oficinas, que ofereceram inúmeras vivências nas artes visuais, nos saberes tradicionais, musicais e artísticos (Figura 2). Destacamos, também, a apresentação do grupo Maria Faceiras que reúne mulheres anciãs que cantam canções que levam em suas letras vivências afetivas (Figura 3).

Figura 2
Oficina de reciclagem de sacolas plásticas



Fonte: Olívia Porto, 2024 (@encontroculturalmv)

Figura 3
Coral Maria Faceira



Fonte: Luiza Gontijo, 2024 (@encontroculturalmv)

Podemos citar, ainda, as oficinas de pandeiro ministradas pela moradora Tainá de Holanda que levaram a percussão e a musicalidade de geração em geração como forma de resistência e espiritualidade (Figura 4) e a apresentação das palhaças Trinca e Farofa que, com leveza e alegria, buscaram transmitir o lugar que a mulher ocupa em um mundo tão machista (Figuras 5).

Figura 4
Oficina Te Toque no Pandeiro



Fonte: Olívia Porto, 2024
(@encontroculturalmv)

Figura 5
Círculo Trinca e Farofa



Fonte: Luiza Gontijo, 2024
(@encontroculturalmv)

Um dos aspectos mais notáveis desta edição do Encontro Cultural foi a gestão do evento, realizada exclusivamente por mulheres, em que a bolsista do projeto de pesquisa, em especial, ficou responsável juntamente com mais três mulheres pela coordenação geral do encontro. Este protagonismo feminino trouxe uma nova perspectiva para o encontro, evidenciando a capacidade e a sensibilidade das mulheres em funções sociais e organizacionais. A liderança feminina foi essencial para a criação de um ambiente acolhedor e inclusivo, onde a troca de experiências e afetos foi incentivada, com constante preocupação com o meio ambiente por se tratar de um evento que envolveu centenas de pessoas em uma comunidade inserida em um território protegido.

Entendemos a importância do protagonismo feminino no Encontro Cultural de Milho Verde superou, inclusive, as expectativas da própria organização do evento, pois representou uma quebra de paradigmas e a afirmação do papel das mulheres na sociedade de forma significativa. Historicamente, as mulheres apresentam sub-representação em posições de liderança e decisão, especialmente em contextos culturais e comunitários. No entanto, a gestão feminina deste encontro comprovou a competência e a excelência de sua atuação no território.

O coletivo feminino que organizou o evento assumiu um compromisso pautado pela interação harmoniosa entre cultura e natureza, buscando promover atividades que integravam os participantes ao ambiente natural de Milho Verde, sem perder de vista a importância da responsabilidade ambiental. Além disso, o evento foi um espaço de valorização dos artistas que vivem exclusivamente de suas artes, potencializando que comunidade e visitantes conhecessem e apreciassem a riqueza cultural dessa região. Essa troca de conhecimentos fortaleceu os laços entre os envolvidos (comunidade local, visitantes e artistas), criando um ambiente de respeito e colaboração mútua.

A gestão do Encontro Cultural, assim como toda a equipe, para além da organização, foi em quase sua totalidade feminina (Figura 6), e serviu como modelo inspirador para outras mulheres e meninas da comunidade, mostrando que é possível ocupar espaços de destaque e fazer a diferença. Assim, destacamos que a liderança feminina pode ser transformadora, trazendo novas ideias e abordagens que enriquecem a experiência de todos os envolvidos, não só garantindo o sucesso do evento, mas também inspirando todos os presentes a reconhecerem e valorizarem o papel fundamental das mulheres na sociedade.

Figura 6

Equipe geral do 24 Encontro Cultural de Milho Verde



Fonte: Luiza Gontijo, 2024
(@encontroculturalmv)

Com muita sensibilidade e dedicação, ficou evidente que é possível criar um evento cultural que respeita e valoriza o meio ambiente, a comunidade, as tradições locais e artísticas da região. Entendemos que o 24º Encontro Cultural de Milho Verde foi, sem dúvida, uma celebração da cultura, da natureza e do protagonismo feminino. A liderança feminina trouxe uma nova dimensão ao evento, destacando a importância da inclusão e da diversidade, essencial para promover uma sociedade mais justa e equilibrada, onde a cultura, a natureza e a comunidade são valorizadas e respeitadas. Para nós, a relação da mulher é histórica em termos

de profunda conexão com a natureza, muitas vezes sendo as principais guardiãs dos bens naturais em suas comunidades. No Encontro Cultural de Milho Verde, essa conexão foi evidente nas diversas atividades que promoveram a sensibilização ambiental e a educação ecológica.

Outro aspecto que foi de extrema importância do protagonismo feminino no evento foi a criação de um espaço seguro e acolhedor para todas as pessoas, independentemente de gênero, idade ou origem. Toda a coordenação buscou garantir que todos os participantes se sentissem incluídos e respeitados, promovendo um ambiente de igualdade e respeito mútuo. Essa abordagem inclusiva foi fundamental para o sucesso do evento e para a criação de uma comunidade mais coesa e solidária.

Por fim, o protagonismo feminino no 24º Encontro Cultural de Milho Verde foi um exemplo inspirador de como as mulheres podem liderar e transformar as comunidades. Com dedicação e sensibilidade é possível organizar e criar um evento que não só celebrou a cultura e a natureza, mas também promoveu a inclusão, a sustentabilidade e o empoderamento. Este encontro deixou um legado duradouro evidenciando que, quando as mulheres assumem a liderança, todos se beneficiam.

Nossa experiência na produção do Encontro Cultural de Milho Verde 2024 foi transformadora. Desde o início, houve acolhimento por uma equipe de mulheres dedicadas e apaixonadas pelo que fazem. A energia e a determinação delas eram contagiantes, sendo cada dia de trabalho uma lição de resiliência e colaboração. Ver de perto o impacto positivo que o evento teve na comunidade e nos visitantes foi extremamente gratificante. As oficinas, as apresentações artísticas e as atividades de sensibilização ambiental não só superaram as expectativas dos participantes, como também promoveu um senso de responsabilidade e respeito pelo meio ambiente e pelas tradições locais.

Portanto, a liderança feminina foi um aspecto que marcou profundamente esta experiência. A sensibilidade e a empatia com que cada decisão foi tomada, a inclusão de todos os participantes e a valorização dos saberes tradicionais mostrou que a gestão feminina pode ser verdadeiramente transformadora. Em resumo, a experiência de produzir o Encontro Cultural de Milho Verde foi um aprendizado valioso e uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional. A dedicação e a sabedoria das mulheres que lideraram o evento deixaram um legado, que muito nos honrou por ter feito parte dessa jornada (Figura 7).

Figura 7
Coordenação 24 Encontro Cultural de Milho Verde



Fonte: Jaqueline Araújo, 2024 (@encontroculturalmv)

Considerações finais

Como considerações finais, é essencial resgatar os objetivos deste trabalho científico e os principais resultados obtidos. Desta forma, resgatamos que nosso objetivo foi visibilizar às reflexões apreendidas como uma das coordenadoras na 24ª edição do Encontro Cultural em Milho Verde considerando pressupostos teóricos relacionados ao ecofeminismo.

Neste sentido, ficou evidenciado o protagonismo de um evento coordenado integralmente por mulheres, com uma nova perspectiva para o evento, considerando a atuação das mulheres em funções sociais e de organização. A liderança feminina foi essencial para a criação de um ambiente acolhedor e inclusivo, onde a troca de experiências e afetos foi incentivada. Entendemos que o encontro teve constante preocupação sobre o comportamento e interação de todas as pessoas que usufruí da natureza em Milho Verde, que trataram de algumas particularidades da APAEAV e da localidade.

Portanto, entendemos que esta pesquisa destacou a importância de apoiar e fortalecer as iniciativas lideradas por mulheres em áreas protegidas, promovendo a justiça social e ambiental.

Referências

- Brasil, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2022). *Censo Demográfico 2022*. IBGE.
- Brasil. (2000). *Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000*. Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. 3ed. Ministério do Meio Ambiente / Secretaria de Biodiversidade e Florestas. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm
- Daltro, M. R.; Faria, A. A. de. (2019). Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. 19 (1), 223-237. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/43015/29726>
- Martins Fonseca, V., Scalco, R. F. (2023). Indissociabilidade universitária na UFVJM como práxis no contexto das parcerias para o uso público em áreas protegidas. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, 16(3), 84-115. <https://www.each.usp.br/turismo/publicacoesdeturismo/ref.php?id=16670>

- Martins Fonseca, V; Cabral, S.F. (2024). Territórios Possíveis, Utopias Reais: Por uma efetiva parceria entre mulheres que protagonizam a economia solidária em áreas protegidas no Alto do Jequitinhonha. *Relatório final de Iniciação Científica*. Diamantina, UFVJM.
- Migliaro, L. R. (2010). Desafíos y proyectos de la economía solidaria. Texto de la Video-conferencia, ofrecida en la Universidad Nacional del Litoral, Argentina. *Anais do V Coloquio Local, III Coloquio Regional Osc-Universidad, II Foro de Economía Social*.
- Minas Gerais. *Decreto nº 39.399, de 21 de janeiro de 1998*. Dispõe sobre a criação da Área de Proteção Ambiental (APA) Aguas Vertentes, no Estado de Minas Gerais e dá outras providências. <https://www.almg.gov.br/legislacao-mineira/texto/DEC/39399/1998>
- Minas Gerais. Instituto Estadual de Florestas - IEF. (2018). *Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental Estadual das Águas Vertentes*. STCP Engenharia de Projetos Ltda.
- Pimentel, B. C. (2020). *O programa de voluntariado do ICMBio e sua importância para o turismo em unidades de conservação: Relatos de Experiência nos Parques Nacionais de Lençóis Maranhenses (Barreirinhas, MA) e Jericoacoara (Jijoca de Jericoacoara, CE)*. (Trabalho de Conclusão de Curso em Bacharel em Turismo). Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.
- Tavares, M. Ecofeminismos(S). (2014). Centro de Documentação e Arquivo Feminista Eline Guimarães, <https://www.cdofeminista.org/ecofeminismo-s/>

Esse artigo apresenta parte dos resultados do relatório de pesquisa “Territórios Possíveis, Utopias Reais: Por uma efetiva parceria entre mulheres que protagonizam a economia solidária em áreas protegidas no Alto do Jequitinhonha”, desenvolvido na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

